



CFF celebra os 100 anos de imigração japonesa

Pela jornalista Veruska Narikawa,
da Assessoria de Imprensa do CFF.



Dançarina "Maiko", de Kimono



Templo Kinkakuji ou Pavilhão de Ouro, em Quioto



Monte Fuji

CRÉDITO: ©JNTO Organização Nacional de Turismo Japonês (ONTJ) é um órgão governamental japonês que visa a promover o turismo no País.

O incentivo à emigração foi uma das soluções que o Governo japonês encontrou, para diminuir a miséria e o alto índice de desemprego que se registrava, no País. O ano era 1908, época da reestruturação da Era Meiji. A miséria pela qual passava o Japão podia ser sentida no desespero dos japoneses em integrar os grupos de emigrantes e buscar uma vida melhor, em outros países. O solo fértil brasileiro apareceu como uma boa opção. No Brasil, com o fim da escravidão, a agricultura precisava de trabalhadores.

Do Porto da cidade de Kobe, no dia 28 de abril de 1908, partiu a embarcação de seis toneladas, de nome Kasato Maru, com destino ao Brasil. Da saída de Kobe à chegada ao Porto de Santos, litoral de São Paulo, foram 52 dias. A atracação no litoral brasileiro ocorreu, no final do dia 17 de junho, e o desembarque dos primeiros imigrantes japoneses só aconteceu, na manhã do dia 18 de junho. No total, chegaram 780 japoneses, oriundos das províncias de Fukushima, Tóquio, Kumamoto, Ehime, Hiroshima, Kochi, Niigata, Yamaguchi e, principalmente, de Okinawa, Kagoshima e Fukushima.

Os imigrantes japoneses chegaram ao Brasil contratados, principalmente, para trabalhar nas lavouras de café, nos Estados de São Paulo e Paraná. O começo da imigração foi um período difícil, a

língua diferente, os costumes, a religião, o clima, a alimentação e até mesmo o preconceito tornaram-se barreiras à integração dos nipônicos.

Muitas famílias tentavam retornar ao País de origem, porém eram impedidas pelos fazendeiros, que as obrigavam a cumprir o contrato de trabalho, que geralmente era desfavorável aos japoneses. Mesmo assim, eles venceram e prosperaram. Embora a idéia inicial da maioria fosse retornar para a terra natal, muitos optaram por fazer a vida em solo brasileiro.

GUERRA MUNDIAL - Durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Brasil entrou no conflito ao lado dos aliados, declarando guerra aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Durante os anos de combate, a imigração de japoneses para o Brasil foi proibida, mas, em 1945, com o final da Segunda Guerra, as leis contrárias à imigração japonesa foram canceladas e o fluxo de imigrantes para o Brasil voltou a crescer. Neste período, além das lavouras, muitos japoneses buscavam as grandes cidades para trabalhar na indústria, no comércio e no setor de serviços.

A partir da terceira geração, no Brasil, os descendentes de japoneses passaram a se abrir definitivamente à sociedade brasileira. Ocorre, sobretudo na década de 1960, um grande êxodo rural. Os ja-



poneses saem do campo e rumam para as cidades, para concluir os estudos. São Paulo torna-se, assim, a cidade com maior número de japoneses fora do Japão.

Mesmo as famílias agrícolas estabelecidas procuraram novas oportunidades, buscando espaços para seus filhos, nas metrópoles. O grande esforço familiar para o estudo de seus filhos fez com que grande número de nikkeis (descendentes de japoneses que nasceram fora do Japão) ocupasse vagas nas melhores universidades do País.

No ambiente urbano, os japoneses começaram a trabalhar em

ramos ainda com raízes campestres. Pequenos armazéns foram abertos, onde vendiam produtos agrícolas, frutas, legumes e peixes. Os descendentes dos pioneiros nutriram-se do exemplo de seus ancestrais e, ao escolherem outros campos de atividade, como o setor da saúde, trouxeram consigo seus valores e sua crença no conhecimento e no trabalho.

PROFISSIONAIS DA SAÚDE - A comunidade nikkei criou hospitais e centros de saúde e contam-se na casa dos milhares os profissionais de origem japonesa que atuam no setor de saúde por todo o País. São **farmacêuticos**, médicos,

odontólogos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, biólogos, fonoaudiólogos e técnicos das mais diferentes especialidades.

Hoje, são cerca de 1,5 milhão de nikkeis, no Brasil. É a maior comunidade nipônica fora do Japão. Ao celebrar os cem anos da presença japonesa, no Brasil, o Conselho Federal de Farmácia, por meio da revista PHARMACIA BRASILEIRA, reconhece a importância da contribuição dos japoneses para a saúde brasileira, já que poucos setores têm presença nikkei comparável. E, através de farmacêuticos, presta sua homenagem.

Depoimentos de Farmacêuticos

EDSON CHIGUERU TAKI,

Diretor Tesoureiro do Conselho Federal de Farmácia e Professor de Introdução à Ciência Farmacêutica e Deontologia na Univag - Centro Universitário de Várzea Grande - MT.



O Brasil nasceu de uma colonização e, ao longo de sua História, acolheu gente de diferentes continentes e diferentes culturas. Cada leva de imigrantes que, aqui, aportou, contribuiu para dar forma à brasilidade. O que distingue a imigração japonesa, no entanto, é o reconhecimento unânime de que sua integração à sociedade brasileira se fez em volta de valores como operosidade, respeito à família, dedicação ao trabalho, civilidade e excepcional apego à educação e à cultura. Tantas

qualidades trouxeram um imenso legado a todos os setores de produção e crescimento do País, principalmente à Saúde.

É com muita satisfação que, como o primeiro descendente de japoneses a compor a Diretoria do Conselho Federal de Farmácia, me dirijo aos colegas farmacêuticos e, principalmente, aos colegas farmacêuticos japoneses e descendentes de japoneses, para que comemoremos juntos os 100 anos de imigração.

SUNAO SATO,

professor titular do Departamento de Tecnologia Bioquímico-Farmacêutica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo - USP. Bolsista da JICA - Japan International Cooperation Agency - e Ex-Presidente e Diretor Executivo da Associação Brasi-Japão de Pesquisadores.

As contribuições do povo japonês para o desenvolvimento, sejam econômico, cultural e tecnológico do Brasil, são as mais diversas. Desde a agricultura, na sua primeira fase e posteriormente nas fases de implantação de grandes complexos cooperativos, comerciais e industriais e financeiros, nas décadas de 60 e 70. A educação de sua gente, tendo sempre em mente a formação nos melhores centros educacionais do Brasil, trouxe grande contribuição ao crescimento do País, pois valorizou a profissionalização. A saúde foi uma das áreas que mais acolheu os descendentes de japoneses.





MARIO HIRATA,

mestre e doutor em Análises Clínicas e em Ciências de Alimentos respectivamente. Pós-doutor pela Food and Drug Administration - FDA. Professor Titular do Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP (Universidade de São Paulo). Responsável pelo Laboratório de Biologia Molecular aplicado ao diagnóstico do Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas da FCF-USP.

Acredito que o desenvolvimento de algumas regiões foi sensivelmente melhor, devido à maciça imigração japonesa. Estados, como São Paulo e Paraná, tiveram um desenvolvimento espantoso na área da agricultura, marco importante, há algumas décadas.

Na área de desenvolvimento tecnológico, temos um exemplo bem clássico da Engenharia do Estado de São Paulo em relação às hidrelétricas. A própria Petrobrás foi inicialmente mudada, sob o comando de Shigeaki Uei, que renovou a filosofia e fez dela uma das empresas mais lucrativa do País.

Acredito imensamente que o Brasil foi um dos países mais beneficiados pelos imigrantes japoneses. Sou nissei, e também acredito ter contribuído na formação de muitos farmacêuticos, na Universidade de São Paulo. Formei 35 mestres e doutores pelo programa de pós-graduação da Farmácia (Área de Análises Clínicas), desde 1994.

TELMA MARY KANEKO,

professora doutora do Departamento de Farmácia da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo - SP.



Creio que a história de muitos farmacêuticos e profissionais da saúde tenham começado como a minha. Apesar da agricultura ser o setor que mais recebeu e acolheu os primeiros imigrantes, meu pai, Toshiaki Sakuda, acreditava que a vida na agricultura não seria o meio ideal para lhe permitir estudar e realizar-se, profissionalmente. Discordando de meu avô, fugiu de casa, aos 13 anos, e foi para cidade

de Lins e, na farmácia do Dr. Antonio de Luigi, encontrou seu primeiro emprego e pôde se formar em Farmácia, em 1934, e abrir seu próprio estabelecimento: a Farmácia Moderna.

de Lins e, na farmácia do Dr. Antonio de Luigi, encontrou seu primeiro emprego e pôde se formar em Farmácia, em 1934, e abrir seu próprio estabelecimento: a Farmácia Moderna.

Com o desenvolvimento industrial, foi para São Paulo, abriu um laboratório de medicamentos, a Organização Farmacêutica Luper Ltda, onde fabricava o produto Bisuisam. Foi, neste local, que passei minha infância, onde tudo parecia magia e encantamento, já que as máquinas transformavam pós em comprimidos, as drageadeiras pareciam produzir guloseimas e as luzes brilhantes das chamas dos maçaricos fechavam as ampolas.

Meu pai sempre esteve presente, esclarecendo as dúvidas e, ao mesmo tempo, me instruindo na responsabilidade da fabricação de medicamentos com eficácia terapêutica e segurança na administração ao paciente. Com essa formação, tive certeza de que a carreira a seguir era a farmacêutica. Acredito que as maiores contribuições do povo japonês, para qualquer cultura, é o exemplo de dedicação à família e ao trabalho.

CELSO VATARU NAKAMURA,

pós-doutor e doutor em Ciências - Microbiologia, Mestre em Ciências Biológicas (Microbiologia), Especialista em Bioanálises. Professor na Universidade Estadual de Londrina - UEL - e na Universidade Estadual de Maringá - UEM.

É difícil descrever o que cada povo ensinou ao outro. Acredito que tenha sido uma bela troca de tradições, durante esses 100 anos. Mas o povo japonês trouxe muita contribuição para a cultura brasileira, principalmente. Sem contar que os japoneses e descendentes que vivem, aqui no Brasil, conseguiram manter certas tradições que se perderam em outros países que receberam imigrantes japoneses. O maior legado da cultura japonesa para o Brasil é o amor pelo conhecimento e pelo trabalho, coisas que os nossos avós trouxeram do Japão.





MARGARETE AKEMI KISHI,

especialista em Homeopatia pela USP e membro da Farmacopéia Homeopática Brasileira. Professora de Homeopatia da Faculdade de Farmácia do Instituto Presbiteriano Mackenzie, em São Paulo; Secretária-Geral do Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo.



São 1,5 milhões de nikkeis (descendentes de japoneses ou japoneses que vivem fora do Japão), no Brasil. Culturalmente, somos muito diferentes dos japoneses. No entanto, foi a combinação das culturas que permitiu o desenvolvimento brasileiro em todos os setores. Em todo lugar, em todas

as atividades, temos pelo menos um exemplo desta mistura de talentos.

Coragem, garra e perseverança. Aos japoneses, devemos este legado. O toque da ginga, devemos ao Brasil. Acredito que esta mistura é a melhor definição que tenho para esta interação Brasil e Japão.

OSNEI OKUMOTO,

Conselheiro Federal de Farmácia pelo Mato Grosso do Sul. Especialista em Biologia Celular e Molecular e, também, em Gestão de Hemocentros. Dirige a Hemorrede do Mato Grosso do Sul, órgão responsável por todos os hemocentros do Estado.



Disciplina e determinação são as principais virtudes herdadas dos nossos ancestrais, que corajosamente migraram para o Brasil em busca de emprego, na zona rural. Vi meus avós muito distantes do retorno ao Japão, uma vez que o enriqueci-

mento desejado não veio. Nossos pais, chamados nisseis, da segunda geração, saíram do meio rural e foram trabalhar no comércio das cidades, constituindo uma identidade cada vez mais brasileira. Assim, nós, sanseis, fomos privilegiados pelo investimento nos estudos, resultando em grande número de pessoas com curso universitário. A mecanização da lavoura no Japão fez com que meus avós viessem para o Brasil e, agora, a industrialização do Japão leva seus netos e bisnetos em busca de emprego.

O Brasil também herdou a tradição da religião e culinária. O budismo e xintoísmo são praticados por brasileiros, pois nós, descendentes, somos, em grande parte, católicos. A riqueza da culinária japonesa ganhou muitos adeptos, sendo conhecida pela sua propriedade saudável, na qual a soja é um dos alimentos mais utilizados.

A miscigenação na quarta geração é um fato apontado por 61% de mestiços, onde enquadro meus filhos. Essa mistura de raças resultou em crianças com bonitos traços e pouco vínculo com o Japão ancestral, o que procuramos contornar para manter a tradição.

Neste vai-e-vem do dia-a-dia, é gratificante andar por Campo Grande e encontrar os “ditchãs” e as “batchãs”. Nesses encontros, sobressaem o respeito pelo mais velho e a admiração pela sua luta e coragem em buscar a sobrevivência tão longe de casa.

No futuro, o reconhecimento, na rua, não será mais possível, através dos olhos amendoados. Somente identificaremos um descendente japonês pelos seus documentos, mas tenho certeza de que a confiança na pessoa será transmitida, como nos dias de hoje.

(Fontes de informações para esta matéria):

www.japaobrasil.com.br/historia_imigracao/index.php

www.culturajaponesa.com.br